

Capítulo 44

Autora: Laura Vidaurreta

Christian embala Ana em seus braços, balançando-a levemente, enquanto acaricia suas costas e sussurra palavras confortantes em seu ouvido. Ana consegue parar de chorar, mas seu estado de nervos está muito abalado. Agarrada ao marido, ela tem medo de fechar os olhos e reviver todo o inferno que passou. E agora, além de medo, Ana sente uma culpa enorme. Ela nunca pensou, em toda sua vida, que desejaria a morte de alguém. Mas quem pode culpá-la?

Ana dá um pulo, ao ouvir batidas na porta. Christian consegue sentir o coração da esposa disparar. Ele a acalma.

– Está tudo bem, Ana! Deve ser o Taylor ou a Gail. – ele diz, acalmando-a. Ele se levanta e segue para a porta da suíte.

– Desculpe interromper, senhor, mas a Dra. Trevelyan acaba de chegar. – diz Taylor, assim que Christian abre a porta.

– Ótimo! A Gail já terminou de dar banho na Ella?

– Já sim, senhor! Elas estão no quarto da Ella. Eu já conduzi a Dra. Trevelyan para lá.

– Perfeito, Taylor! Eu já estou indo. – diz Christian, dispensando Taylor. O segurança está se retirando, quando Ana o chama.

– Taylor? – ela se aproxima da porta.

– Sim, senhora.

– Alguma notícia do Sawyer? – ela pergunta, e Taylor pode ver os olhos da jovem vermelhos. O segurança se comove.

– Ainda não, senhora! Assim que eu tiver notícias, a senhora será a primeira a saber. – ele diz, com um sorriso acolhedor.

– Obrigada. – ela sorri. Com um aceno de cabeça, Taylor se retira.

– Baby, minha mãe chegou para ver a Ella. Eu vou até lá ver como ela está.

– Eu vou com você.

– Ana, você precisa descansar. Eu posso cuidar disso.

– Ela é minha filha também, eu só vou descansar quando ela estiver bem.

– Eu sei, você está certa. – ele beija o topo da cabeça dela. – Vamos vê-la! – ele diz e os dois seguem para o quarto da filha.

Chegando ao quatinho de Ella, eles encontram Grace examinando a menina, enquanto Gail observa de perto. Com a chegada de Ana e Christian, Gail se retira.

– Obrigada, Gail. – diz Ana, recebendo um largo sorriso da governanta.

– Mãe, como ela está? – pergunta Christian.

– A febre está alta, 38,5 graus, mas ela não apresenta nenhum outro sintoma aparente. Eu auscultei o coração e os pulmões, e está tudo limpo. Pode ser uma infecção de ouvido ou um resfriado, é difícil determinar com apenas um sintoma.

– O que nós faremos? – pergunta Ana.

– Eu vou medicá-la com um anti-térmico e pedir que vocês monitorem por mais uns dois dias. Se a febre não parar ou se ela apresentar qualquer outro sintoma, levem-na ao hospital imediatamente.

– Por que não levamos agora? – pergunta Christian.

– Porque, nesse momento, não é necessário. Mas eu repito, se a febre não cessar ou outro sintoma aparecer, levem-na imediatamente.

– Ok, nós faremos isso! – diz Christian.

Grace olha para Ana e percebe que a nora ainda está um pouco desorientada. Ela se preocupa.

– Como você está, meu bem? – ela pergunta.

Ana dá de ombros e sorri fracamente, sem dizer uma palavra. Ela não tira os olhos da filha, que luta contra o sono. Grace se aproxima e põe a mão nas costas de Ana. A jovem se retrai.

– Ana, querida, fale comigo. – pede Grace, com carinho.

– Não tem nada para falar, Grace. Eu acho que cheguei ao fundo do poço. Eu não sei por quanto tempo mais conseguirei suportar. – ela diz, enquanto tenta afastar as lágrimas.

– Oh, querida, eu sinto tanto.

– Eu choro o tempo todo. Isso é ridículo! – ela diz, limpando o rosto, com raiva.

– Ana, você tem todo o direito de chorar. Você está triste, furiosa e assustada. Chorar é a sua válvula de escape.

– Eu não aguento mais chorar. – ela diz, entristecida. Grace puxa a nora em um abraço e a consola.

Sentindo o peito pesado, Christian se retira do quarto. Andando pela casa, ele sente como se uma faca tivesse atravessado seu coração. Ele vai até o bar, onde apanha uma garrafa de whisky e um copo, depois segue até a sala de estar. Sentando-se no sofá, Christian serve um copo de whisky e o bebe de uma golada só. Ele repete a ação mais quatro vezes. Começando a sentir os primeiros efeitos da bebida, Christian recosta a cabeça no sofá e fecha os olhos.

– Álcool não é a solução. – a voz de Grace o faz abrir os olhos novamente.

– Pode ser. Mas nesse momento, ele é o meu único e melhor amigo. – ele diz, encarando o teto.

– Se o whisky é o seu único amigo, eu devo ter falhado feio como mãe. – ela diz, se aproximando. Christian olha para a mãe.

– Não foi isso que eu quis dizer. E não, você não falhou como mãe. Se alguém falhou aqui, fui eu. – ele diz, suspirando, melancólico.

– Não diga isso.

– Como ela está?

– Eu lhe dei um calmante, ela conseguiu dormir. – diz Grace. Christian respira fundo e vira outro copo de whisky.

– Obrigado. – ele diz, encarando o copo, em suas mãos.

– Não faça isso, Christian.

– Fazer o que? Beber? Um homem não pode encher a cara, depois de um dia de merda? – ele pergunta, sarcástico.

– Não se culpe pelo que aconteceu. E também não “enchá a cara”. Álcool e culpa são uma péssima combinação.

– Como você quer que eu não me culpe? Eu quase perdi a minha mulher e a minha filha hoje. Elas podiam ter morrido porque, há 10 anos atrás, eu resolvi trepar com a mulher de um filho da mãe psicótico.

– Filho, olha pra mim! – pede Grace. Christian hesita, mas obedece à mãe. – O que você e a Elena fizeram foi errado, mas nada justifica o que o Lincoln está fazendo. Não há explicação para a maldade que há no coração desse homem. Eu sei que você está se sentindo impotente e que, de repente, tentar assumir a culpa por tudo pode trazer algum sentimento para essa loucura. Mas, filho, nada disso faz sentido!

– O que eu vou fazer, mãe?

– Você vai ficar firme e ser forte para sua esposa e sua filha. E quando você fraquejar, seu pai e eu estaremos aqui para te apoiar. Eu vou te abraçar contra o meu peito e vou te deixar chorar. E eu também estarei aqui para te lembrar que isso vai passar. O Lincoln será preso, a justiça será feita e a vida de vocês voltará ao normal.

– Você acha mesmo isso?

– Eu tenho certeza! – Grace oferece um sorriso reconfortante.

– Obrigado, mãe! Obrigado por estar sempre por perto, e por sempre saber o que dizer. – Christian toma a mão de Grace entre as suas e a beija.

– Eu te amo, querido! Eu sempre estarei por perto, mesmo quando você não precisar de mim.

– Eu sempre vou precisar de você, mãe. – ele sorri e Grace acaricia o rosto do filho.

Os dois se viram para a entrada da sala, ao ouvirem alguém pigarrear. Taylor está parado no portal da sala.

– Desculpe interromper, senhor.

– Tudo bem, Taylor. O que houve?

– Reynolds ligou para informar sobre o Sawyer.

– E então, como ele está?

– Ele acabou de sair da cirurgia. A bala entrou pela clavícula, mas não atingiu nenhum nervo ou artéria. Ele vai ficar bem.

– Ah, graças a Deus! – Christian respira aliviado.

– São ótimas notícias, filho! – diz Grace.

– Mãe, você pode se certificar de que o Sawyer seja assistido pela melhor equipe de trauma do hospital?

– Claro! Eu vou ligar para o hospital agora mesmo. Vou aproveitar e vou pra casa, seu pai deve estar louco de preocupação.

– Muito obrigada, mãe!

– Você não precisa me agradecer, cuidar de você é o meu trabalho. E, querido, tente descansar um pouco.

– Eu tentarei! Eu te amo.

– Eu também te amo, meu bem! – com um beijo no rosto, Grace se despede do filho.

Após acompanhar Grace até a porta, Taylor volta para a sala, onde encontra Christian bebendo o último copo de whisky.

– Eu pedi para um dos seguranças escotar a Dra. Trevelyan até em casa. – informa Taylor.

– Ótimo, Taylor.

– Senhor, a Sra. Grey já se recolheu? – pergunta Taylor, um pouco desconfortável.

– Já, sim! Por que? – pergunta Christian, curioso.

– Eu prometia a ela que, assim que tivesse notícias do Sawyer, ela seria a primeira a saber. – diz o segurança. Christian se comove com a consideração de Taylor.

– Ela estava muito nervosa, então minha mãe lhe deu um calmante. Ela está dormindo. Mas não se preocupe, eu a informarei sobre o estado do Sawyer assim que ela acordar.

– Sim, senhor! O senhor precisa de mais alguma coisa?

– Não, você já pode se recolher. Boa noite, Taylor!

– Boa noite, Sr. Grey. – o segurança se retira, deixando Christian sozinho. Resolvendo seguir o conselho da mãe, Christian põe a garrafa de whisky de volta no bar e vai se deitar.

Ana acorda num sobressalto. Atordoada, ela olha para os lados, tentando se localizar. Seu coração se acalma ao ver o marido ao seu lado. Vendo a esposa acordar agitada, Christian a envolve em seus braços, tentando acalmá-la.

– Shhhh, está tudo bem, baby! Eu estou aqui. – ele sussurra.

– Eu não me lembro de vir para cama. – ela diz, confusa.

– Você estava muito nervosa ontem. Minha mãe te deu um calmante.

– Que horas são? Quanto tempo eu dormi?

– São 11:15 da manhã.

– Nossa, eu dormi mais de 12 horas. Meu Deus, a Ella!

– Calma, ela está bem! Eu dei o remédio mais cedo, ela está sem febre.

– Mas ela está bem?

– Sim! Eu dei banho, ela comeu frutas no café da manhã, agora está brincando com a Gail.

– Graças a Deus!

– Como está se sentindo?

– Eu estou bem. Minha cabeça está um pouco confusa, mas acho que é porque eu dormi demais.

– Você estava precisando descansar. Está com fome?

– Um pouco. – de repente, Ana sente uma aflição em seu peito. – E o Sawyer, você tem notícias dele?

– Ele está bem! Os médicos o operaram para retirar a bala, ele vai ficar de molho por algumas semanas, mas ficará novo em folha. Ele tem a melhor equipe de trauma do hospital cuidando dele.

– Eu quero vê-lo.

– Ok! Eu te levo até lá.

– Obrigada. – Ana sorri, finalmente aliviada.

– Tudo por você, Sra. Grey. – ele diz, beijando-a.

– E você? Como está? – Ana pergunta, acariciando o rosto do marido.

– Eu estou bem.

– Eu sei que não está. Nós mal conversamos ontem.

– Não se preocupe comigo, Ana. Eu já sou grandinho.

– Eu não ligo! Eu sempre vou me preocupar com você.

– É isso que te faz tão especial. – ele tira uma mecha de cabelo que está sobre os olhos da esposa. – E eu a amo demais por isso.

– Eu também te amo. – ela se aconchega no peito do marido.

Sawyer está deitando em seu leito de hospital. A tábua em seu ombro imobiliza seu braço direito. Mesmo estando no hospital há menos de um dia, Sawyer já se sente entediado. Essa não foi a primeira vez que ele foi baleado, mas ele espera que tenha sido a última.

Com a mãe livre, ele zapeia os canais com o controle remoto. Leves batidas na porta, chamam sua atenção. Christian e Ana estão parados na entrada.

– Sawyer, podemos entrar? – pergunta Christian.

– Sr. e Sra. Grey, claro! Por favor, entrem.

– Como se sente? – pergunta Christian, novamente.

– Eu me sinto bem, senhor. Obrigado pela preocupação.

– Nós viemos, não só para ver como você está, mas também, para agradecer por tudo que você fez. Seu empenho e dedicação à minha família jamais serão esquecidos. E eu estarei em dívida eterna com você.

– Não precisa me agradecer, senhor. Eu só fiz o meu trabalho.

– Eu não quero que você se preocupe com nada. Você terá nosso total apoio durante a sua recuperação, e assim que receber alta do hospital, você terá uma equipe médica para te assistir lá em casa.

– Não há necessidade, senhor.

– Por favor, é o mínimo que eu posso fazer para retribuir o que você fez pela minha família. Mas, como eu disse, nada será suficiente. Muito obrigado, Sawyer!

– De nada, senhor. – diz Sawyer, encabulado.

Ana e Christian trocam um olhar, e Christian sabe que esta é a deixa para se retirar, deixando Ana a sós com seu segurança. Ele sorri e beija o topo da cabeça da esposa. Trocando mais um aceno de cabeça com Sawyer, ele se retira do quarto. Parada no meio do quarto, Ana olha para Sawyer com carinho. O segurança não sabe bem como reagir.

– Posso me sentar? – ela pergunta, apontando para a beira da cama.

– Claro, fique à vontade. – ele se ajeita, dando espaço para Ana sentar.

– Luke, eu nem sei como começar a te agradecer. Você salvou a minha vida, salvou a vida da minha filha. Você levou um tiro para nos proteger e ainda pôs a sua saúde em segundo plano, para ter certeza de que estávamos em segurança.

– Sra. Grey, não precisa...

– Por favor, me chame de Ana. Você arriscou a sua vida para me proteger, acho que já passamos dessa fase de formalidades.

– Eu não acho que o Sr. Grey vai concordar com esse nível de intimidade.

– O Sr. Grey não se opõe. E mesmo que ele se opusesse, você é meu segurança, não dele. – ela sorri. – Mas acredite, ele não vê problema em nos chamarmos pelo primeiro nome.

– Mesmo assim, eu...

– Luke, por favor! – Ana insiste.

– Ok! Ana.

– Viu? Doeu menos do que levar um tiro. – ela brinca, e Sawyer sorri.

– Ainda não me sinto confortável com isso.

– Eu sei, mas você acostuma. Afinal, nós somos uma família. Christian e eu convivemos mais com vocês do que com nossos pais. Eu, especialmente!

– É verdade! E a Ella, como está?

– Ela está bem melhor. A Grace foi vê-la ontem, receitou um remédio, ela já amanheceu quase 100%.

– Ah, que bom! Fico feliz em saber.

– Ela te adora! Você sabe disso, não é?

– É mesmo? – Sawyer fica surpreso e feliz com a revelação.

– Claro! A Ella adora o Tio Luke. – diz Ana. Sawyer não consegue evitar o sorriso que se forma em seu rosto.

– Eu a adoro também. Sra. Grey... Quero dizer, Ana, posso lhe fazer uma pergunta?

– Claro, diga!

– Você não vai recusar um novo segurança, enquanto eu estiver de licença médica, vai?

– Por que me pergunta isso?

– Porque lá em Portland, quando eu informei que pretendia me demitir, você disse que não aceitaria outro segurança. Ana, eu realmente gostaria que você não fizesse isso.

– Mesmo que eu quisesse me rebelar, nesse momento, eu duvido que o Christian permitiria.

– Eu concordo.

– Mas eu tenho duas condições.

– Quais?

– O segurança precisa ser escolhido e supervisionado por você. E no momento que você estiver pronto para voltar, ele sai. Nem um minuto a mais.

Os dois se olham por alguns segundos. Sawyer pondera as condições de Ana. Ela, por sua vez, estica o braço, oferecendo um aperto de mão.

– Então, temos um acordo? – ela pergunta. Sawyer sorri.

– Sim, temos um acordo! – e os dois apertam as mãos.

A conversa dos dois é interrompida por uma mulher, que entra descontraidamente no quarto. Ela é um pouco mais alta que Ana, tem os cabelos loiro escuro, na altura dos ombros e é muito bonita.

– Então, Luke, como vai o meu paciente favorito? – ela pergunta, animada, sem perceber que Sawyer não está sozinho no quarto.

Assim que ela vê Ana sentada na cama do paciente, seu sorriso se desfaz, dando lugar a uma expressão de espanto e constrangimento.

– Oh, meu Deus! Me desculpe! Eu não sabia que você estava acompanhado. Me desculpe! – ela diz, completamente sem graça. Olhando para o segurança, Ana percebe que ele também ficou encabulado.

– Não, Dra. Reese, não é isso. Eu não... quero dizer... ela não... – Sawyer gagueja, como alguém que foi pega em flagrante. Ana segura o riso, diante da situação.

– Eu posso voltar depois. – diz a médica.

– Oi, você é a médica do Sawyer? – diz Ana, estendendo a mão para a mulher.

– Sim, eu sou a Dra. Emily Reese. Por favor, eu não quis... – a médica aperta a mão de Ana, sem muita confiança.

– Eu sou Anastasia Grey! O Sawyer trabalha para mim e para o meu marido. – diz Ana, esclarecendo o mau entendido.

– Oh! Como vai, Sra. Grey? É um prazer conhecê-la! – a médica sorri, ao entender o ocorrido. Ela aperta a mão de Ana com mais animação.

– Meu marido e eu viemos ver como ele está.

– Ele está bem. Na verdade, eu vim fazer uma avaliação pós-cirúrgica.

– Ah, por favor, fique à vontade! Eu já estava de saída. Foi um prazer conhecê-la, Dra. Reese.

– O prazer foi meu, Sra. Grey! – as duas se cumprimentam, e Ana segue para se despedir de Sawyer.

– Bem, eu já vou indo! Se precisar de alguma coisa, por favor, não hesite em nos avisar.

– Obrigado, Ana!

– Eu pediria ao Christian para mandar alguém para te fazer companhia, mas eu vejo que não será necessário. – ela diz, sorrindo.

– O que quer dizer? – ele pergunta, confuso.

– Eu acho que ela gosta de você. – sussurra Ana, no ouvido do segurança. Ela vê o rosto do homem se ruborizar imediatamente. Sorrindo, ela deixa o quarto.

Sentando na sala de espera, Christian se levanta assim que avista Ana.

– Então, como foi? – ele pergunta, abraçando-a.

– Foi tudo bem.

– E como ele está?

– Melhor do que esperado. – diz ela, com um sorriso sapeca.

– Como assim?

– Deixa pra lá! Nós podemos ir pra casa? Eu estou faminta!

– Seu desejo é uma ordem, Sra. Grey! – Ana sorri. Com os braços em torno da cintura do marido, Ana segue com ele para fora do hospital.

Dois dias se passam. Durante toda quinta e sexta-feira, Ana e Christian monitoraram o estado de Ella. Como a neném não apresentou nenhum sinal de febre, ou outro sintoma, o casal, enfim, relaxou.

Ros conseguiu passar a reunião que Christian teria em Lakewood, na sexta-feira, para sábado à tarde. Mesmo relutante em ficar longe da família, Christian sabe que tem trabalho a cumprir e, logo após o café da manhã, ele parte de helicóptero para a cidade vizinha.

Sabendo que precisa se distrair, depois dos últimos dias estressantes que teve, Ana resolve aceitar o convite de Mia e Kate para sair. As três aproveitam o raro momento a sós para conferir alguns detalhes para o casamento de Mia. Após um animado brunch, o trio segue para a floricultura contratada para fazer toda a decoração do evento.

Mesmo dentro da floricultura, as três são observadas de perto por Murphy, o novo segurança, contratado para ocupar o lugar de Sawyer, durante a licença médica. Ana não consegue simpatizar com o homem.

– Eu sinto falta do Sawyer, sabia? Pelo menos ele não ficava seguindo a gente, como uma sombra. – diz Mia, emburrada.

– Ah, nem me fala! Eu não vejo a hora do Sawyer voltar. – concorda Ana.

– Você não foi mesmo com a cara desse aí, né? – pergunta Kate, apontando para o homem, com a cabeça.

– Não, não fui! Mas também não sei se é pura implicância ou se é o meu apego ao Luke.

– Pode ser as duas coisas. Mas eu não entendo porque ele tem que ficar tão perto. Quase dá pra sentir o bafo dele nos nossos pescoços.
– diz Mia.

– Ele está querendo mostrar serviço. Está com medo de ser demitido, quando o Luke voltar. Eu não o culpo. De repente o Christian consegue remanejá-lo para outra posição. – diz Ana.

– O que não falta na casa de vocês é segurança. – brinca Kate.

– Tem mais segurança do que gente para cuidar. – diz Mia, rindo.

– É verdade! Acho que tem mais seguranças lá em casa, do que na Casa Branca.

– Se tem mais, eu não sei. Mas eu garanto que está perto. – diz Kate, e as três caem na gargalhada.

– Então, Mia, já escolheu as flores? Não quero demorar muito aqui, já estou ficando com fome. – diz Kate.

– Mas já? Nós mal acabamos de comer!

– Não sou eu, é o bebê! Ele sente fome o tempo todo. – diz Kate, acariciando a, ainda imperceptível, barriga de 3 meses de gestação.

– É assim mesmo! Assim que a fase dos enjoos passa, começa a fase da fome.

– Estou louca para ver o que o Elliot vai fazer, quando você começar a ter aqueles desejos malucos. – diz Mia, rindo.

O celular de Ana toca, interrompendo sua gargalhada. Ao conferir o visor, ela vê o número de casa.

– Alô! – ela atende, descontraída.

– Ana? – a voz de Gail é angustiada. Ana pode ouvir a filha chorar, em plenos pulmões, do outro lado da linha.

– Gail, o que houve? É a Ella chorando? – o tom preocupado de Ana, chama a atenção de Mia e Kate.

– Ana, eu estou com Ryan e Reynolds, nós estamos levando a Ella para o hospital. – diz a governanta. O coração de Ana dispara.

– O que? Por quê?

– Ela está ardendo em febre, está vomitando e não para de chorar.

– Oh, meu Deus!

– Eu já liguei para a Dra. Trevelyan, ela está nos esperando.

– Ok! Eu encontro com vocês lá. Por favor, vão logo! – Ana encerra a ligação. – Eu... eu preciso ir para o hospital. – ela diz, desnorteada.

– Ana, o que houve? – pergunta Kate.

– É a Ella! Ela piorou. Eu preciso ir.

– Vem, vamos! – Mia passa o braço em volta do ombro da cunhada. As três correm em direção ao carro.

Ana atravessa o lobby do hospital como um raio. Ela deixa Mia e Kate para trás e segue correndo para a emergência.

– Eu sou Anastasia Grey, estou procurando a minha filha! – diz ela, na recepção.

– Qual o nome da sua filha? – pergunta uma das enfermeiras.

– Ella. Ella Grey! A Dra. Grace Trevelyan é avó dela. Por favor, me diga onde está a minha filha. – pede Ana, aflita.

– Só um minuto! – a enfermeira parece alheia ao sofrimento da jovem. Ela procura, calmamente, no sistema. Ana está à beira de um ataque de nervos, quando ouve uma voz familiar.

– Ana, graças a Deus! – diz Gail, correndo em sua direção.

– Gail, cadê a Ella? O que aconteceu? – Ana corre até a governanta.

– Eu não sei! Ela estava bem e, de repente, começou a chorar. Mas não era um choro comum, ela gritava como se estivesse com dor. Eu tentei acalmá-la, mas ela não parava de chorar. Então, do nada, ela começou a vomitar e queimar em febre. Então eu corri com ela para o hospital.

– Onde ela está?

– A Dra. Trevelyan está com ela. Venha! – diz Gail, e as duas mulheres correndo para a sala de atendimento.

Chegando ao corredor, Ana já consegue ouvir os gritos da filha. Seu coração se parte em mil pedaços, quando ela entra na sala e vê a neném cercada de médicos.

– Está tudo bem, filha! A mamãe está aqui. Vai ficar tudo bem. – diz Ana, segurando a mãozinha da filha, lutando para se manter forte.

– Mamãe. Mamãe. – Ella grita, aos prantos. O rostinho vermelho, de tanto chorar.

– A temperatura está em 40 graus. – informa uma das enfermeiras.

– A pressão arterial está irregular, batimentos cardíacos acelerados. Há ruído nos pulmões. – diz outra médica, que a examina com um estetoscópio.

– Grace, o que há de errado com ela? – pergunta Ana, olhando para a sogra, que trabalha freneticamente na neta.

– Eu ainda não sei, Ana! Mas eu te prometo que ela vai ficar bem.

– Dra. Trevelyan, a radiologia está pronta. – diz uma enfermeira, que acaba de entrar.

– Nós precisamos ir. – diz Grace, e Ana se apavora.

– Para onde você vai levá-la?

– Nós vamos fazer uma bateria de exames, para descobrir o que está acontecendo.

– Grace, pelo amor de Deus, cuida dela.

– Eu vou! – Grace dá um rápido abraço na nora, e parte para a radiologia. Gail ampara Ana, que fica desolada.

– Ela está em boas mãos, Ana! Não tem melhor pessoa para cuidar dela, do que a avó.

– Eu sei! – Ana tenta segurar as lágrimas.

– Venha, querida, você precisa se sentar um pouco.

– Não, eu estou bem! Oh, Deus, o Christian! Eu preciso ligar para o Christian. – ela leva as mãos à cabeça.

Gail conduz Ana para fora da sala de exames e a coloca sentada em um banco. Imediatamente, Ana saca o celular e liga para o marido. Ele atende no segundo toque.

– Oi, baby!

– Christian, você precisa voltar.

– Por quê? O que aconteceu? – ele fica tenso imediatamente.

– Ella está no hospital! – diz Ana, e Christian sente o coração parar.

– O que? – sua voz sai engasgada.

– Ela piorou, eu não sei o que houve! A Grace a levou para fazer exames. Por favor, Christian, eu preciso de você aqui. – Ana já não consegue mais segurar as lágrimas.

– Eu estou indo! Chegarei aí o mais rápido possível. Até mais, baby! – Christian encerra a ligação. Assustada e inconsolável, Ana busca conforto nos braços de Gail.

Duas horas se passam e ainda não há notícias. Ana, Mia, Kate e Gail são encaminhadas para a sala de Grace, onde têm mais privacidade. Pouco tempo depois, Carrick e Elliot chegam, para dar suporte à Ana. Mas nada disso importa. Mesmo cercada pela família, Ana se sente sozinha e desamparada, pois a única pessoa de que precisa nesse momento, ainda não chegou.

Parada à porta, Ana olha para o longo corredor a sua frente. Seu coração dispara ao ver a porta do elevador se abrir e revelar um Christian nervoso e apressado. Ao ver a esposa, Christian corre em sua direção. Ana corre e se joga nos braços do marido.

– Ana! – ele a recebe, abraçando-a com força, contra o corpo.

– Graças a Deus, você está aqui! – ela diz, enterrando o rosto no peito do marido.

– Me desculpe ter demorado tanto. Eu vim o mais rápido que pude. – ele a abraça e enterra o rosto em seus cabelos. – Ana, por favor, me diga o que aconteceu?

– Eu não sei. Ela estava bem! Eu juro por Deus que ela estava bem. Ela não teve febre desde ontem. Ela estava comendo normalmente, ela estava brincando. Então eu saí com a Mia e a Kate, e, de repente, a Gail me liga dizendo que ela estava ardendo em febre e vomitando. Eu

pude ouvi-la chorar. Eu não sei o que aconteceu. Aí eu cheguei aqui, e ela estava gritando, ela não parava de chorar. E eu não pude fazer nada, eu não pude nem segurá-la. – Ana desaba em lágrimas.

– E onde ela está? Como ela está?

– Eu não sei! Sua mãe a levou para fazer exames e até agora não voltou. Oh, Christian, eu estou com tanto medo. Eu não sei o que há de errado com a nossa filha. Nós não podemos perdê-la! – vendo o desespero da esposa, Christian a abraça forte contra o peito.

– Nós não vamos perdê-la! Eu te prometo. – Christian tenta esconder seu desespero, pois, nesse momento, sua esposa precisa que ele fique forte.

– Ana, Christian. – a voz de Grace pega o casal de surpresa.

– Grace, como ela está? – pergunta Ana, aflita.

– Ela está estável.

– Estável? O que isso quer dizer? – pergunta Christian.

– Significa que nós conseguimos estabilizar a maior parte dos sintomas, como a pressão arterial e os batimentos cardíacos. Mas a febre ainda está perigosamente alta e ela apresenta fluido no pulmão.

– Oh, Deus! – Ana se abraça a Christian. Observando a expressão séria da mãe, Christian nota que há algo errado.

– Mãe, o que você não está nos dizendo?

– Nós fizemos uma série de exames e o relatório preliminar apontou a presença de Streptococcus.

– E o que isso significa? – pergunta Ana.

– Significa que ela está com um grupo de bactérias no organismo. E quando essas bactérias se proliferam, elas causam doenças extremamente graves, principalmente em crianças na idade da Ella.

– Que tipo de doenças? – pergunta Christian.

– Doenças como sinusite, pneumonia e meningite. – diz Grace, com grande aperto no coração.

Christian sente como se tivesse recebido um soco no estômago. Ele sente vontade de gritar e chorar. Ana joga os braços em volta do pescoço do marido e o abraça. Ela sabe que ele precisa de tanto apoio quanto ela.

– Escutem, nós ainda não temos um diagnóstico exato. Nós ainda precisamos de uma série de exames para confirmar ou descartar qualquer uma dessas doenças. Eu sei que é assustador, mas vocês precisam ter fé.

– Eu quero vê-la! Eu posso vê-la? – pede Ana.

– Claro! Venham comigo. – diz Grace, conduzindo-os para o quarto onde Ella foi internada.

Ao chegar à porta do quarto, Grace para e se vira para o casal.

– O que foi? – pergunta Ana, apreensiva.

– Christian, você não pode entrar.

– O que? – Christian praticamente grita.

– Por que ele não pode entrar?

– Filho, quando você sofreu o acidente e os médicos precisaram retirar o seu baço, por causa da hemorragia, a sua produção de anticorpos caiu consideravelmente. Você ficou mais suscetível a infecções.

– E o que isso tem a ver?

– O Streptococcus causa uma série de doenças das quais você não possuiu mais imunidade. Se você tiver contato com a Ella nesse momento, as chances de você contrair qualquer uma dessas doenças são de quase 85%.

– Eu não me importo! Ela é minha filha.

– Christian, me ouça! – Grace tenta argumentar.

– Não! Eu não vou ficar longe da minha filha.

– Baby, por favor!

– Filho, me escuta! Eu entendo o que você está sentindo, eu já estive no seu lugar. Mas, nesse momento, a prioridade é a Ella. Nós precisamos focar toda nossa atenção nela. E nós não poderemos fazer isso se você adoecer.

– Eu... eu não posso! – Christian já não consegue mais se manter forte. É hora de Ana tomar o controle. Ela toma o rosto do marido entre as mãos.

– Ei, não fica assim! É por pouco tempo. Ela vai ficar bem e logo estará em seus braços novamente.

– Ela é nossa bebê. Eu não posso.

– Eu sei que o que estou te pedindo é inimaginável, mas você precisa ouvir a sua mãe. Eu não posso arriscar perder vocês dois. Por favor, baby!

– Diga que eu a amo. Diga que estarei o tempo todo aqui fora. Eu não vou embora.

– Eu direi! Ela te ama, não se preocupe. Eu te amo! – Ana o beija e o abraça, apertado, tentando consolá-lo.

– Vá! Vá ficar com ela. – Christian solta o abraço da esposa, liberando-a. Ana dá uma última olhada para o marido, antes de correr para dentro do quarto, ficar com a filha.

Parado do lado de fora, Christian observa Ana e Ella. Ele sente seu coração de despedaçar. Grace afaga os cabelos do filho, tentando consolá-lo.

Algumas horas se passam. Após uma nova bateria de exames, Ana consegue, finalmente, colocar a filha para dormir. Aproveitado que a neném pegou no sono, Ana resolve ligar para os pais, para informá-los sobre a saúde de Ella. Ela deixa a filha sob os cuidados de Grace. Ao sair do quarto, Ana encontra Christian cochilando em uma das cadeiras.

– Baby, acorde. – ela chama, suavemente. Christian acorda num pulo.

– O que? O que foi?

– Calma, está tudo bem. Desculpe te acordar assim.

– Tudo bem! Como ela está?

– Ela está dormindo. Baby, você está exausto. Deveria ir pra casa.

– Eu não vou sair daqui.

– Pelo menos deite-se na sala da sua mãe. Essa cadeira vai acabar com as suas costas.

– Ana, eu só saio desse lugar com a minha filha.

– Ok! – Ana sorri, orgulhosa da dedicação do marido. – Eu vou aproveitar que ela está dormindo e vou ligar para os meus pais. Eles estão muito preocupados.

– Tudo bem! Quem vai ficar com ela?

– Sua mãe está no quarto.

– Está certo!

– Você quer alguma coisa?

– Não, eu estou bem.

– Eu já volto! – diz Ana, dando um beijo rápido em Christian e partindo. Sozinho novamente, ele recosta a cabeça na parede e fecha os olhos.

Alguns poucos minutos se passam, quando Christian começa a ouvir um som que lhe é muito familiar. Ele salta da cadeira ao ouvir o choro da filha. Chegando até a porta, Christian pode ver Ella aos berros, enquanto Grace tenta, em vão, acalmar a neta.

– Shhhh, está tudo bem, minha boneca! A vovó está aqui com você. Não chora, meu amor! A mamãe já volta, vai ficar tudo bem.

– Mãe, o que está acontecendo? – pergunta Christian, angustiado.

– Eu acho que ela está assustada, só isso! – diz Grace, tentando segurar a neta no colo. Mas Ella luta e se debate no colo da avó.

Ao ouvir a voz de Christian, Ella imediatamente olha em sua direção. O choro da menina aumenta ao ver o pai tão longe dela.

– Papai! Papai! Papai! – ela grita, esticando os bracinhos na direção do pai. Christian sente o pulmão se comprimir.

– Calma, meu amor! É a vovó, Ella! Calma!

– Papai! Papai! – Ella continua a gritar, ignorando os apelos da avó.

Ver a filha chorar tão desesperadamente pedindo seu colo, faz a alma de Christian de desfazer. Ele imagina o que a neném deve estar pensando, diante da hesitação do pai. A simples idéia de que a filha possa estar se sentindo rejeitada faz o estômago de Christian embrulhar. Ele já não pode mais suportar o sofrimento de sua bebê. Sem pensar duas vezes, Christian invade o quarto e pega a filha nos braços.

– Papai está aqui, minha princesa! Está tudo bem. Papai está aqui com você. Por favor, meu amor, não chore. O papai não vai mais sair de perto de você. – sussurra, Christian. Assim que se vê nos braços do pai, Ella se agarra em sua camisa, como se tivesse medo que ele fosse embora.

– Eu preciso de uma unidade de soro, no suporte, para ser ministrada com Vancomicina. Agora! – ordena Grace, para uma das enfermeiras.

– Sim, Dra. Trevelyan!

– Filho, eu vou precisar colocar você no antibiótico imediatamente. – diz Grace, voltando sua atenção para Christian.

– Tudo bem! Me desculpe, mãe. – ele diz, sincero, ainda com Ella nos braços. Grace olha com carinho para o filho.

– No seu lugar, eu teria feito a mesma coisa. – ela diz, acariciando seu rosto. Duas enfermeiras aparecem. Uma coloca Christian sentado em um banco, enquanto a outra prepara seu braço para receber a sonda do soro. Mas Christian não se importa, pois sua filha, finalmente, se acalmou em seus braços.

Pouco tempo depois, Ana retorna para o quarto. Ela se assusta ao encontrar Christian atado ao soro, enquanto Ella dorme em seus braços.

– Oh, meu Deus! O que aconteceu?

– Calma, baby! Está tudo bem! – ele diz, sentado no sofá do quarto.

– Como está tudo bem? Você não devia estar aqui. E por que você está recebendo soro? Você está bem?

– Ana, se acalma! – ele diz, suavemente. – Assim que você saiu, a Ella acordou assustada. Ela estava chorando sem parar, nem minha mãe estava conseguindo acalmá-la. Então ela me viu e começou a gritar por mim. Eu não consegui ficar de longe, vendo a minha filha chorar.

– E por que do soro?

– Minha mãe achou melhor me deixar no antibiótico, por prevenção.

– Mas você está bem? – Ana senta-se ao lado do marido.

– Eu estou bem, baby! Não se preocupe. – ele sorri e beija a esposa.

– E ela, como está?

– Ela está bem. – ele diz, acariciando a cabecinha da menina.

– Onde está a sua mãe?

– Ela foi buscar o resultado de uns exames.

– Me desculpe! Eu não devia ter saído.

– Baby, pare com isso. Você precisava falar com seus pais. Está tudo bem, de verdade.

– Você é maravilhoso, sabia? Eu não sei o que faria sem você. – ela se recosta no ombro dele.

– Sorte sua nunca precisar descobrir. – ele beija o topo da cabeça dela.

Os dois são interrompidos pela chegada de Grace.

– Ah, Ana, que bom que você voltou. Eu já estou com o resultado dos exames.

– E então? – pergunta Christian, ansioso.

– Não é meningite, nem pneumonia. Ela tem, sim, uma infecção bacteriana, que afetou o trato digestivo e respiratório, mas é muito mais branda do que imaginamos. Ela será tratada com antibióticos e estará 100% em 3 ou 4 dias. – diz Grace, sorrindo. Ana e Christian respiram aliviados.

– Você tem certeza de que não é nada grave? Nós não corremos o risco de perdê-la? – pergunta Ana.

– Certeza absoluta! Sua filha vai se recuperar perfeitamente bem.

– Graças a Deus! – Christian puxa Ana em um abraço, envolvendo seus dois amores.

– Obrigada, Grace! Muito obrigada!

– Não precisa me agradecer. – Grace abraça a nora. Eles ouvem batidas na porta.

– Com licença, Dra. Trevelyan! – diz uma enfermeira parada à porta. – Desculpe interromper, mas tem um policial na recepção, ele insiste em falar com o Sr. e a Sra. Grey. – ela diz.

Ana e Christian sentem um arrepio percorrer a espinha.

– Oh, meu Deus! O que será dessa vez? – indaga Ana.

– Mãe, você pode ficar com a Ella?

– Claro, querido! – Christian passa a filha para os braços de Grace. Abraçado a Ana, os dois seguem em direção a recepção.

Ao chegarem a recepção, Ana e Christian avistam o Detetive Clark. Ana aperta a mãe de Christian.

– Sr. e Sra. Grey, me desculpe interrompê-los nesse momento delicado.

– O que podemos fazer pelo senhor, detetive? – pergunta Christian.

– Aconteceu alguma coisa? – pergunta Ana.

– Eu vim informá-los que Lincoln Timber foi preso!